

## HISTÓRIA, SINDICALISMO E MULHERES: AS PARTICULARIDADES DE UM MOVIMENTO GREVISTA MAJORITARIAMENTE FEMININO

Diênifer Alves Ramos da Rosa<sup>1</sup>, Alessandro Carvalho Bica<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Licenciada em Letras - Universidade Federal do Pampa, ardienifer@gmail.com

<sup>2</sup> Prof. Dr. - Universidade Federal do Pampa

63

O CPERS/ Sindicato (Centro de Professores Estaduais do Rio Grande do Sul) ao longo dos seus 75 anos de história tem representado professores, funcionários de escola e especialistas da rede estadual de educação que em sua grande maioria são mulheres. Neste sentido, meu objetivo nesta pesquisa é elencar as particularidades de um movimento sindical majoritariamente feminino a partir do relato de cinco professoras grevistas e atuantes nas greves da categoria no 17º Núcleo do CPERS/ Sindicato de 1979 a 1991. Seguindo os princípios da história oral foram realizadas entrevistas e após a análise dos dados foi possível perceber que o movimento era feminino, e essa característica transpassa a atmosfera dentro da entidade, as ações desenvolvidas por elas e o relacionamento com o próprio sindicato e as companheiras de greve.

**Palavras-chave:** Sindicalismo; Educação; Mulheres; Greve.

### INTRODUÇÃO

Neste trabalho serão apresentados os relatos de experiências de integrantes e ex-integrantes do 17º Núcleo do Centro de Professores do Estado do Rio Grande do Sul (CPERS/ Sindicato) que participaram dos movimentos grevistas desenvolvidos pela categoria de 1979 a 1991. Tenho como objetivo principal elencar as particularidades de um movimento composto majoritariamente por mulheres através do testemunho das participantes.

É importante destacar que esta é apenas uma parte de um Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Letras Línguas Adicionais: Inglês, Espanhol e Respectivas Literaturas da Universidade Federal do Pampa (Campus Bagé) em 2019. Sendo assim, a justificativa deste trabalho está diretamente ligada ao curso pois compreendo que, como curso de graduação que forma quase que unanimemente professoras mulheres, reconhecer a luta das que vieram antes de nós serve não só para proporcionar novas perspectivas para o futuro, como também para compreender os processos que perpassam a nossa luta enquanto mulheres dentro da sociedade. Além disso, como ambiente formador de professores, se torna imprescindível tratar a questão da participação

sindical de modo a preparar esses futuros professores a estarem sensibilizados como classe para enfrentar os desafios específicos da realidade profissional das escolas e da educação pública.

Para começar, é necessário contextualizar o período no qual a luta dessas mulheres se deu. Neste momento, o Brasil vivia o processo de transição do regime civil-militar e fortalecimento da sociedade civil e dos movimentos sindicais, sendo o CPERS “(...) a primeira categoria do estado e a segunda do Brasil a entrar em greve após o golpe militar de 1964.” (CENTRO DE PROFESSORES ESTADUAIS DO RIO GRANDE DO SUL/ SINDICATO, 1995, p. 12)

Esta instituição, fundada em 25 de Abril de 1945 por um grupo de professores composto majoritariamente por mulheres, ao longo de seus 75 anos de história lutou firmemente por uma educação pública de qualidade, dignidade profissional e defesa rigorosa da democracia.

Com o objeto de resumir a intensa trajetória de lutas da categoria durante o período abordado nesta pesquisa, trago a tabela abaixo.

**Tabela 1** - O histórico de greves da categoria (1979-1991).

| Ano  | Duração total (em dias) | Ano  | Duração total (em dias) |
|------|-------------------------|------|-------------------------|
| 1979 | 13 dias                 | 1988 | 9 dias                  |
| 1980 | 21 dias                 | 1989 | 42 dias                 |
| 1982 | 3 dias                  | 1990 | 58 dias                 |
| 1985 | 60 dias                 | 1991 | 74 dias                 |
| 1987 | 96 dias                 |      |                         |

Fonte: Autora (2019) com base em CPERS/ Sindicato (1995).

Os eventos motivadores dessas greves eram diversos, como por exemplo, aumentos salariais, nomeação de concursados, destinação de 25% do orçamento do estado para a educação, etc. No entanto, o maior motivador era justamente o repetido descumprimento dos acordos assinados de uma greve a outra.

## METODOLOGIA

Foi utilizado um questionário com dez perguntas abertas com o objetivo de organizar o relato das participantes durante as entrevistas. Estas eram semi-estruturadas e tiveram duração média de noventa minutos.

A escolha da História Oral como metodologia a ser utilizada para o desenvolvimento dessa pesquisa se deu pois:

A História Oral, enquanto método e prática do campo de conhecimento histórico, **reconhece que as trajetórias dos indivíduos e dos grupos merecem ser ouvidas**, também as especificidades de cada sociedade devem ser conhecidas e respeitadas. (MATOS; SENNA, 2011, p. 107, grifo meu).

Para preservar a identidade das professoras foram utilizados pseudônimos designados pela autora, estes fazem referência a importantes figuras femininas latino-americanas que, assim como as participantes da pesquisa, tiveram suas vidas marcadas pela luta.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com relação aos resultados obtidos, e levando em conta meu objetivo, pretendo destacar os seguintes aspectos: atmosfera dentro da entidade sindical, ações desenvolvidas por elas e o relacionamento com o CPERS/ Sindicato e as companheiras de luta.

Primeiramente é necessário destacar que o caráter do movimento de lutas protagonizado por elas foi pioneiro, conforme destaca Luz:

**Na história do magistério a gente nunca ouviu falar em greve do magistério.** A gente ouvia falar em greve dos metalúrgicos do ABC paulista, greve dessa e daquela categoria, mas greve **do** magistério jamais. (LUZ, 2019, grifo meu).

Mas além de ter sido pioneiro, ele foi feminino. Elas foram unânimes em relatar que toda a atmosfera pesada ficava do lado de fora, entre elas a base era a união, o comprometimento com a luta, a amizade e a solidariedade.

[...] houveram períodos em que a gente passava ali dentro, inclusive, algumas passando uma certa dificuldade financeira, eram ajudadas. Era uma coisa bem próxima, bem de mulher mesmo, de amiga e de

parceria. [...] **o movimento era feminino. As ações eram femininas.** Fazer almoço na praça, carreteiro na praça... acho que os homens não pensariam em fazer um carreteiro na praça para distribuir para a população enquanto dizia o objetivo da greve, a proposta, o que a gente queria, pelo o que a gente estava lutando. (...) E em todo estado, né? Todas as ações até hoje a maioria são mulheres. (...) E a gente se identificava com o mesmo propósito, com a mesma vontade de mudar as coisas, de lutar por uma escola melhor. (PETRONA, 2019, grifo meu).

Com o relato de Petrona (2019) podemos perceber diversas particularidades dentro do movimento desenvolvido, entre elas se destacam as ações a serem desenvolvidas pela categoria e seu próprio relacionamento.

Elas entendiam que através do diálogo poderiam conscientizar a sociedade e conseguir seu apoio. As demais participantes dão exemplos práticos deste posicionamento, como o relacionamento com os pais, chamando reuniões com a comunidade para esclarecer o motivo das greves (OLGA, 2018). Assim como a prática de mostrar os contracheques e os atos nas praças da cidade mencionados por Anita (2019).

Já no que diz respeito a sua realidade enquanto mulheres, e especialmente mães, complementando o que já havia comentado acima, Petrona (2019) diz o seguinte:

A gente juntava todos em uma casa só e deixava uma pessoa cuidando e entre as duas pagamos aquela pessoa para ficar com nossos filhos. **A gente sempre naquela situação, a mãe de alguém ou a avó de alguém.** E era bate e volta: a gente ia, participava do movimento, o movimento terminava, a gente voltava e de manhã já estávamos aqui. De madrugada a gente já estava aqui, 5 ou 6 horas da manhã. A gente retornava e continuava o movimento na cidade. E aí aqui era mais fácil, tu participava de uma caminhada e os filhos iam junto. Tem muitas fotos das greves com as crianças junto, participando. (...) Era isso, a situação era essa. Era difícil!.(PETRONA, 2019, grifo meu).

Ela se refere as assembléias e demais manifestações que exigiam sua locomoção até Porto Alegre, viagens as quais os filhos não acompanhavam, e logo contrasta com o cenário em Bagé onde eles estavam presentes.

A partir desse relato fica claro a importância de ter mulheres, e ainda mais mulheres mães, envolvidas na luta sindical, já que elas se organizavam de forma coletiva para deixar seus filhos com alguém responsável. E outra questão importante é que essas figuras responsáveis por cuidar dos filhos na ausência

de suas mães eram sempre figuras femininas, mães, avós ou amigas. Ainda que algumas das participantes tenham mencionado seus maridos, nunca no sentido de serem também responsáveis pelo cuidado de seus filhos nestas ocasiões.

Além dessas características relativas a sua organização como militantes, e especialmente, como mulheres militantes, Anita (2019) destaca também o sentimento de pertencimento a instituição “Eu sempre fui grevista, sempre fui CPERS!”.

Enquanto Olga (2018), assim como todas as outras professoras, demonstra o orgulho de terem protagonizado essa batalha que deu frutos.

Eu tenho muito orgulho disso que estou te dizendo, vou contar para os meus netos para que eles saibam que um dia, **a gente não fez tudo que precisava mas fez tudo que era possível fazer. Que a gente tentou de todas as formas construir uma sociedade melhor para todos, não para alguns.** Nós fomos criados em um tempo onde a sociedade era boa para alguns, que tinham dinheiro e exerciam poder. A satisfação que a gente tem de ver hoje a possibilidade das pessoas entrarem em uma universidade federal, ela é gigantesca! Porque ela é fruto da nossa defesa pela escola pública de qualidade. [...] Exatamente para mostrar que era possível sim o pobre, o negro e o índio terem acesso à educação de qualidade. A gente conseguiu! (OLGA, 2018, grifo meu).

De acordo com o relato de Olga (2018) fica claro que elas, enquanto categoria, conseguem perceber a importância do movimento do qual participaram e do quanto ele influenciou diretamente nos rumos que da educação tomou na sociedade atual.

## CONCLUSÃO

A partir da análise e da discussão dos dados foi possível conhecer mulheres que, sem nenhuma resguarda, compartilharam parte valiosa de sua história a esta pesquisa. E o fizeram em meio a sorrisos e lágrimas, de felicidade e de tristeza mas principalmente, de esperança para o futuro da luta sindical no Brasil.

As particularidades apresentadas dizem respeito a atmosfera dentro da entidade sindical, ações desenvolvidas por elas e o relacionamento com o CPERS/ Sindicato e as companheiras de luta. Estas também servem para destacar o caráter precursor do movimento desenvolvido por elas, que embora

não tenham feito parte da fundação da entidade, foram responsáveis por desenvolver formas de luta e mobilização características de uma instituição composta majoritariamente por mulheres.

Para finalizar, conforme mencionou Anita (2019), mais do que estar no CPERS/ Sindicato, elas eram, e ainda são o CPERS/ Sindicato. E como diz Olga (2018), isso não é pouca coisa.

68

## **REFERÊNCIAS**

CENTRO DE PROFESSORES ESTADUAIS DO RIO GRANDE DO SUL/ SINDICATO. **CPERS/ Sindicato 50 anos: Compromisso com a cidadania plena.** Porto Alegre: Editora Tchê!, 1995.

CORREA, J. J. **A história do CPERS/ Sindicato e a construção da sua presença no debate das políticas educacionais**, 2006.

MATOS, J. S.; SENNA, A. K. **História Oral como Fonte: problemas e métodos**, 2011.